Susan Levin. *Plato's Rivalry with Medicine: a Struggle and its Dissolution*. Oxford, Oxford University Press, 2014; US \$ 69.00; ISBN: 978-0-19-991980-2, p. xiv + 299.

João Gabriel Conque

A postura crítica de Platão em relação à poesia e à retórica pode ser compreendida, de certo modo, como um reflexo do caráter agonístico da cultura grega nas obras desse filósofo. Ampliando ainda mais a provável reverberação do “espírito competitivo” grego no *corpus platonicum*, Susan Levin busca em seu mais recente livro¹ demonstrar que a medicina não passou ilesa das querelas suscitadas pelo esforço de Platão para estabelecer a proeminência da filosofia. Com *Plato's rivalry with medicine*, Levin coloca em destaque uma contenda que até então não vinha despertando interesse dos intérpretes de Platão. Apesar de Jacques Jouanna ter identificado um *agôn* entre a medicina e a filosofia², a autora observa acertadamente (p. 19, n. 42) que o especialista em Hipócrates enfatizou o lado médico de tal disputa.

O subtítulo do livro (*a struggle and its dissolution*) nos indica que, para Levin, a contenda entre a filosofia e a medicina, quando disposta ao longo dos *Diálogos*, não apresenta uma uniformidade. Segundo a intérprete, é possível identificar ao longo da obra de Platão o surgimento da rivalidade da filosofia com a medicina, a intensificação dessa disputa e uma espécie de reconsideração de tal contenda. Essa provável variação da concepção platônica acerca da medicina, por sinal, é o fio condutor do livro de Levin, que contém ao todo sete capítulos.

Os dois primeiros capítulos do livro abordam o *Górgias*. Segundo Levin, nesse diálogo pode ser identificado o ponto germinal da querela entre Platão e a medicina. Porém, a autora busca, inicialmente, demonstrar que a medicina é uma aliada de Platão

¹ Levin publicou em 2001, também pela Oxford University Press, o livro *The Ancient Quarrel between Philosophy and Poetry Revisited: Plato and the Greek Literary Tradition*.

² “...the debate over medicine and philosophy is at the very heart of the Hippocratic Collection as a whole.” (Jouanna, J. *Hippocrates*. Translated by M. DeBevoise. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1999, p. 259).

na sua crítica à retórica feita no *Górgias*. Quando há um embate entre a retórica e a filosofia, a autora destaca que a culinária — comparada à retórica — é depreciada enquanto a medicina é elogiada. Levin também procura identificar nesse diálogo três critérios que tornam possível a classificação de uma atividade como *technê*. O primeiro seria a especificidade do objeto de estudo. O segundo seria a prevalência do conhecimento (*epistêmê*) sobre a crença (*pistis*); o terceiro, o benefício que tal atividade é capaz de produzir. Depois disso, a intérprete identifica todos esses três critérios, ainda que de um modo assistemático, no *corpus hippocraticum*. Tal correspondência nos permite afirmar que a noção de *technê*, fundamental para a crítica de Platão dirigida à retórica no *Górgias*, possui um parentesco muito grande com a noção médica acerca do mesmo termo.

Contudo, Levin alerta que a valorização da medicina por parte de Platão no *Górgias* deve ser vista com bastante cautela. No passo 500a, por exemplo, Sócrates e Cálicles destacam a importância de um técnico (*technikos*) apto a distinguir quais são as coisas boas (*ta agatha*) e quais são as más (*ta kaka*) para a discussão sobre a questão fundamental: como viver? (*pôs biôteon*). Ao passo que para Platão a alma é a mais importante dentre as coisas boas (*ta agatha*) ao mesmo que tempo que é a fonte (*the source*) dos apetites (493a), o referido técnico não poderia ser um médico. Primeiro porque o objeto de estudo da medicina hipocrática é a condição salutar do corpo (p. 47) e, segundo, porque para os médicos a saúde — e não a alma — é o maior dos bens (p. 54). Além disso, Levin chama atenção para o fato de que alguns médicos da tradição hipocrática são neutros ou negligentes no que concerne aos apetites (p. 56) — ela se refere aos apetites como *the Big Three*, obviamente tendo a *República* como referência. Desse modo, as diretrizes para a *eudaimonia* (vida plenamente feliz) só poderiam ser determinadas por um conhecedor da alma e dos apetites, função esta que não cabe ao médico. Então, segundo a intérprete, a medicina, já no *Górgias*, estaria com a sua designação como *technê* por excelência ameaçada.

Levin demonstra (p. 71, n. 69) conhecimento da discussão sobre o hedonismo no *Górgias* (495e-97d) na qual uma concepção do prazer como um processo de preenchimento (*plêrôsis*) é mencionada. No entanto, a intérprete não explora a hipótese, já levantada por outros comentadores³, de que tal concepção acerca do prazer pode ter

³ “La ‘replétion’ est la *plêrôsis*, qui designe littéralement le replissage de qui a été vidé. Le terme, sans doute emprunté par Platon aux écrits médicaux, est abondamment employé dans le *Gorgias*...” (Pradeau, J. *Philèbe*. Traduction et presentation. Paris, Flammarion, 2002, p. 42,

sido tomada de empréstimo por Platão da medicina hipocrática. Apesar de em certos momentos Levin reconhecer os prováveis mecanismos de apropriação de teorias provenientes da medicina – como parece ser o caso do termo *to metrion* (pp. 155-6) –, ela deixa de examinar esse procedimento cunhado de *transposition platonicienne* por Auguste Diès⁴. O exame de tal procedimento poderia ter enriquecido ainda mais o trabalho de Levin, visto que certas noções médicas, segundo alguns intérpretes⁵, parecer desempenhar um papel importante no pensamento de Platão.

O terceiro capítulo aborda o *Banquete* ou, mais especificamente, o discurso de Erixímaco (185e-188e). No terceiro discurso sobre o *eros* exposto nesse diálogo, Levin identifica uma divergência mais clara entre filosofia e a medicina. A sua leitura se baseia, de modo geral, na pressuposição de que o discurso de Erixímaco é uma caricatura platônica de um presunçoso médico proferindo teses, principalmente a respeito da *eudaimonia* e da *physis*, das quais Platão diverge (pp.73-4).

Nas falas de Erixímaco, segundo Levin, teríamos a presença de teorias cosmológicas acompanhadas de questionamento de teses de alguns filósofos pré-socráticos, como as de Heráclito, em 186e-87c, e as de Anaximandro, em 188a-b. Tais elementos justificariam, de modo geral, a concepção do personagem que estaria representando os médicos enquanto classe como um médico pretensioso e que, sobretudo, desconhece os limites de sua própria área de conhecimento. Levin também visita alguns tratados médicos, como *Sobre a medicina Antiga* e *Ares, Águas e Lugares*, para mostrar que essa ampla abordagem presente nas falas de Erixímaco coincide com as teorias desenvolvidas pela medicina hipocrática. Grande parte do terceiro capítulo do livro é dedicada a um debate com alguns comentadores, como McPherran e Rowe, com vistas a demonstrar que a fala de Erixímaco e os equívocos presentes nela, na verdade, refletem a intenção de Platão em apontar os limites das teorias médicas e, ao mesmo tempo, delimitar o alcance das noções desenvolvidas pela tradição hipocrática.

n.1). Ver também Wolsford, D. *Pleasure in Ancient Greek Philosophy*. Cambridge, Cambridge University Press, 2013, pp. 35-46.

⁴ Para mais detalhes ver Diès, A. *Autour de Platon*. Paris, Belles Letres, 1973, pp. 400-49.

⁵ Em sua tradução comentada do tratado *Sobre a medicina antiga*, Schiefsky adverte que “the language of section 15.1 – in particular the terms *eidos auto eph’heoutou*, and *koinôneō*—bears a striking resemblance to the terminology of Plato’s Theory of Forms. Commentators have drawn various conclusions from these affinities.” (Schiefsky, M. *On ancient medicine: translated with introduction and commentary*. Leiden-Boston, Brill, 2005)

A suposta limitação da abordagem de Erixímaco, para Levin, não está restrita às questões de ordem cosmológica. No que tange ao funcionamento dos apetites humanos, o representante da medicina também teria se mostrado ignorante. Para tanto, a intérprete (pp. 96-104) destaca passagens do discurso de Erixímaco nas quais ele aparenta tolerar a *akolasia* (desregramento dos apetites) e falha em definir a correta relação que um *erastês* (amante) deve ter com os próprios desejos, equívocos graves do ponto de vista de Platão em relação à *sôphrosynê* (temperança). Nesse cenário, a medicina passa a ser considerada por Platão, implicitamente, como inapta para lidar com questões acerca da *physis* e do cultivo da *eudaimonia*.

Na *República*, a medicina teria sido descartada completamente do posto de autêntica *technê*. Além da incapacidade de lidar com questões relativas à alma, os danos que um médico pode trazer para um cidadão, quando ele ultrapassa o limite de sua capacidade de intervenção ou quando trata uma doente que não deveria ser tratado, segundo a autora, também é um dos fatores fundamentais para tal descarte. Com isso, Levin defende que a relação entre a filosofia e a medicina se transforma, com a *República*, em uma espécie de hierarquia na qual o filósofo tem a função de supervisionar (*to oversee*) o médico (p. 111).

As principais justificativas para a proeminência do filósofo e para a perda de autonomia por parte da medicina estariam presentes ao longo da *República*. A educação rigorosa, o entendimento daquilo que é real e, especialmente, a contemplação da forma do Bem são pré-requisitos que somente o filósofo pode atender. Daí, segundo Levin, pode-se inferir uma espécie de superioridade intelectual e ética da filosofia sobre todas as outras atividades, inclusive sobre a medicina. A autora, então, defende que o *technikos* mencionado no *Górgias* (500a) só poderia ser, a partir da sua leitura da *República*, o filósofo e a *technê* por excelência, a filosofia.

Por mais que Levin busque justificar a supremacia da filosofia sobre as demais atividades se baseando na ontologia e epistemologia platônica, a sua leitura da *República* poderia ter sido enriquecida com as analogias desenvolvidas por Platão. As relações de semelhança entre virtude/saúde e *elenchos*/tratamento médico⁶, por

⁶ Para uma interpretação que busca argumentar contra uma leitura autoritária de Platão através das suas analogias entre saúde e virtude, ver Berges, S. *Virtue as Mental Health: A Platonic Defence of the Medical Model in Ethics*. In: *Journal of Ancient Philosophy*, Vol. VI, 2012. Issue I.

exemplo, mereceriam um capítulo à parte. O sentido terapêutico do verbo *kolazô*⁷, um termo presente com frequência nas discussões acerca da punição justa, é outro ponto que poderia ter sido explorado. Tais pontos seriam muito importantes para a discussão das passagens (como *Rep.* 409e-10a) nas quais a autora enxerga uma rejeição de Platão em tratar alguns tipos de doentes.

Antes de abordar as *Leis* nos capítulos cinco e seis, Levin dedica uma parte do seu livro (pp.142-54) ao *Político*. Esse desvio, todavia, não é fortuito. Segundo Levin, já no *Político* teríamos a presença de uma valorização dos cidadãos comuns (*ordinary citizens*), um tópico muito importante para a sua leitura das *Leis*, obra na qual a medicina teria recuperado a autonomia.

Ainda no capítulo cinco, Levin busca ressaltar as diferenças entre a *República* e as *Leis*. Uma delas seria a valorização de uma organização governamental menos centralizada, em detrimento do regime filosófico fundamental para a *Kallipolis*. Outra marcante diferença entre esses dois diálogos residiria no fato de que a autossuficiência e a retidão ética que caracterizam o rei-filósofo na *República* teria dado lugar ao reconhecimento, nas *Leis*, da falibilidade da natureza humana e, por conseguinte da constatação de que ninguém é incorruptível no sentido ético. A autora tenta ressaltar que até mesmo aquele que ocupa um dos cargos mais altos da Magnésia, inclusive os membros do Conselho Noturno, seria passível de equívoco. (p. 161).

Em linhas gerais, a “redenção” da medicina na filosofia platônica é sugerida por Levin através de uma análise da estrutura política, legislativa e judicial da “cidade ideal” conjecturada na provável última obra de Platão. Afastando-se de uma leitura que identifica um pessimismo platônico no tocante à política nas *Leis*, a intérprete enxerga nessa obra um enaltecimento da capacidade dos cidadãos comuns e “livres”, isto é, dos não-filósofos. A autora busca destacar, principalmente, a possibilidade dos médicos “livres” fazerem parte da classe dos metecos (*metoikoi*), o que os credenciam a desempenhar importantes funções na Magnésia, tais como aquelas concernentes à educação e às decisões do Conselho Noturno. Assim, nas *Leis* os médicos participariam também de questões relacionadas à alma e à justiça e, com isso, não estariam mais na condição de submissão a qual se encontram aqueles que pertencem à classe dos

⁷ Irwin chama atenção para o fato de que “*kolazesthai indicates not merely the infliction of harm in punishment, but also something about the effects the treatment 'curbs' or 'checks' or 'moderates'; cf. Hippoc. Reg. Acut. 59*” (Irwin, T. *Gorgias: translated with notes*. Oxford: Clarendon Press, 1979, p. 159)

produtores/artesãos (dentre eles, os profissionais da medicina) mencionada na *República*.

De modo geral, pela contribuição que os médicos podem oferecer às esferas políticas e institucionais, a rivalidade entre a filosofia e a medicina assim como um desmerecimento da última sob a ótica de Platão se dissolvem nas *Leis*. Em contrapartida, os conflitos da filosofia com a poesia e com a retórica, de acordo com Levin, tornam-se ainda mais acentuados na fase tardia do pensamento platônico.

O sétimo e último capítulo é dedicado à bioética contemporânea. Nele, Levin faz praticamente uma defesa da inclusão do pensamento platônico nesse ramo da ética. Ao longo do capítulo que encerra o seu livro, Levin demonstra a importância (ainda não reconhecida amplamente pelos *scholars*) do pensamento de Platão para a discussão de problemas centrais na bioética, como o princípio da autonomia e o paternalismo. Explorando, especialmente, as noções acerca da natureza humana e da relação médico/paciente presentes no diálogo *Leis*, a autora defende a relevância do pensamento de Platão para o debate envolvendo tais problemas, que até então vinham sendo norteadas de modo majoritário e, segundo ela, até de certo modo equivocado (p. 220-225) pela noção aristotélica *phronêsis* exposta na *Ética a Nicômaco*.

A despeito da ausência de uma abordagem de obras consideradas importantes no tocante às teorias médicas como *Fedro* (270c), *Timeu*⁸ e *Filebo*⁹, Susan Levin cumpre o que promete na introdução (p. 4): produzir um livro que também seja acessível aos historiadores da medicina e bioeticistas. Ao trazer Platão para os debates contemporâneos da bioética, a especialista em filosofia grega nos fornece um livro que passa a ser uma importante fonte para os pesquisadores desse ramo da ética. Além disso, ao trabalhar com as fontes primárias dos diálogos de Platão e dos tratados hipocráticos e citar importantes comentadores, *Plato's Rivalry with Medicine* também é útil para os pesquisadores em filosofia antiga, em especial para aqueles que trabalham

⁸ Segundo Tracy, “The chief source of Plato's medical theory is the *Timaeus*. [...] We must turn to the *Timaeus*, then, to discover whether Plato's general theory of health and disease agrees substantially with that traced in the medical writers [...]” (Tracy, J. *Physiological Theory and the Doctrine of the Mean in Plato and Aristotle*: Princeton. Princeton. Dissertation [Doctor of Philosophy. Princeton University, 1962, p. 74.)

⁹ “...il faut plutôt penser que la confrontation avec la doctrine hippocratique de la crase est l'un des moteurs de la progression dialectique du *Philèbe*” (Ayache, L. *Le fonds médical du Philèbe*. In: Dixsaut, M. *La fêlure du Plaisir. Études sur le Philèbe de Platon*. Paris: Vrin, 1999, p, 60.)

com temas que dizem respeito à provável influência que a medicina pode ter exercido sobre o pensamento de Platão.

João Gabriel Conque

Universidade Federal de Minas Gerais

Referências Bibliográficas

- Ayache, L. Le fonds medical du *Philèbe*. In: Dixsaut, M. *La fêlure du Plaisir. Études sur le Philèbe de Platon*. Paris: Vrin, 1999.
- Berges, S. Virtue as Mental Health: A Platonic Defence of the Medical Model in Ethics. In: *Journal of Ancient Philosophy*, Vol. VI, 2012. Issue I.
- Diès, A. *Autour de Platon*. Paris, Belles Letres, 1973.
- Irwin, T. *Gorgias: translated with notes*. Oxford: Clarendon Press, 1979.
- Jouanna, J. *Hippocrates*. Translated by M. DeBevoise. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1999.
- Levin, Susan. *The Ancient Quarrel between Philosophy and Poetry Revisited: Plato and the Greek Literary Tradition*. Oxford: Oxford University Press 2001.
- Pradeau, J. *Philèbe*. Traduction et presentation. Paris, Flammarion, 2002.
- Schiefky, M. *On ancient medicine: translated with introduction and commentary*. Leiden-Boston, Brill, 2005.
- Tracy, J. *Physiological Theory and the Doctrine of the Mean in Plato and Aristotle*: Princeton. Princeton. Dissertation.
- Wolsford, D. *Pleasure in Ancient Greek Philosophy*. Cambridge, Cambridge University Press, 2013.